

A controvérsia do pós-moderno

Luciano Carneiro Alves^{229*}

Resumo

A redefinição dos paradigmas de análise, a partir da década de 1960, fez crescer nas ciências humanas o debate sobre estarmos ou não vivendo uma nova fase em relação à modernidade. A modernidade, enquanto projeto, foi superada, não sendo mais capaz de responder às demandas dos homens do final do século XX? Viveríamos um período pós-moderno, no qual novos arranjos sociais e culturais estariam dando forma a uma perspectiva de mundo diferente da utopia moderna do século XIX? É o que tentamos responder aqui, por meio da apresentação da visão de vários autores que têm sido importantes referências para este debate.

Palavras-Chaves: Pós-Modernidade. Conceito. Debate.

Abstract

The redefinition of the analysis paradigms since the decade of 1960 let grown on the human sciences the debate around we be or not be living on a new stage related to modernity. The modernity, as a project, was surpassed not being able to answer the requests of men on the end of the XX century anymore? We would live a pos-modern period, where new social and culture arrangements would be giving forms to a world perspective different from the modern utopia of the XIX century? That is what we try to answer here, by means of the presentation of the view of many authors that have been important references to this debate.

Keywords: Pos-Modern. Concept. Debate.

229 * Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis. Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorando em História pela Universidade de São Paulo. Este texto é uma versão modificada de parte do segundo capítulo de minha dissertação *Flores no Deserto. A Legião Urbana em Seu Próprio Tempo*.

Um conceito controverso entre os autores (e não apenas entre aqueles que aqui selecionamos) é o de pós-modernidade. De maneira geral, define-se a pós-modernidade como sendo o momento histórico no qual se constituiu uma crítica à modernidade, particularmente nos campos da arte e da produção do conhecimento acadêmico, estabelecendo-se um debate caracterizado como pós-modernismo, que é orientado em torno do repensar e da superação de alguns preceitos modernos.

Sem menosprezar a ressalva feita por Nicolau Sevcenko sobre a impossibilidade da delimitação de um ato inaugural, um recorte ou mesmo uma data decisiva a partir do qual se pudesse caracterizar o surgimento da pós-modernidade²³⁰, podemos ter no contexto dos EUA da década de 1960 um ponto de partida. Andreas Huyssen chega até mesmo a dizer que o pós-moderno tratou-se de uma “invenção norte-americana”, produzida por artistas e intelectuais nascidos ou radicados no país (exemplo das realizações da modernidade e paradigma para compreensão da saturação de seus ideais), fortemente identificada dos anos 60 em diante²³¹. De fato, é nos Estados Unidos que a discussão em torno do conceito de pós-modernidade primeiro ganha força, mas também em outros países artistas e intelectuais debruçaram-se sobre o tema.

O pós-modernismo ganhará contornos mais nítidos com a ampliação do debate na década de 1970, o que não significou, entretanto, um consenso quanto à sua definição. Steven Connor chega a ironizar isso, ao dizer que “notável é precisamente o grau de consenso no discurso pós-moderno quanto ao fato de já não haver possibilidade de consenso [...]”²³². De todo modo, crítica à modernidade é uma característica sempre atribuída à pós-modernidade. Mas o que vem a ser esta modernidade criticada?

A idéia de modernidade, na sua forma mais ambiciosa, foi a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela

230 SEVCENKO, Nicolau. O enigma pós-moderno. In: OLIVEIRA et alii; Roberto Cardoso. *Pós-Modernidade*. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 1995, p. 45.

231 HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). *Pós-Modernidade e Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 15-80.

232 CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. Introdução às teorias do contemporâneo. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 17.

ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões. Sobre o que repousa essa correspondência de uma cultura científica, de uma sociedade ordenada e de indivíduos livres, senão sobre o triunfo da razão? Somente ela estabelece uma correspondência entre a ação humana e a ordem do mundo, o que já buscavam pensadores religiosos mas foram paralisados pelo finalismo próprio às religiões monoteístas baseadas numa revelação. É a razão que anima a ciência e suas aplicações; é ela também que comanda a adaptação da vida social às necessidades individuais e coletivas; é ela, finalmente, que substitui a arbitrariedade e a violência pelo estado de direito e pelo mercado. A humanidade, agindo segundo leis, avança simultaneamente em direção à abundância, à liberdade e à felicidade.²³³

Em torno dessa posição central da racionalidade na sociedade é que se organiza o debate acerca do pós-moderno, alimentado pelo desejo de resposta à seguinte questão: a modernidade, enquanto momento no qual a sociedade busca o progresso conduzida pela razão, estaria superada?

Para Sérgio Paulo Rouanet, a pós-modernidade e seus congêneres, enquanto um momento de superação da modernidade, não é nada além de uma ilusão. Em sua ótica, a modernidade tem passado por mudanças, precisa ser em muito melhorada, mas ela não chegou ao fim, embora esteja em profundo descrédito:

Creio que o que está em jogo é o seguinte: depois da experiência de duas guerras mundiais, depois de Auschwitz, depois de Hiroshima, vivendo num mundo ameaçado pela aniquilação atômica, pela ressurreição dos velhos fanatismos políticos e religiosos e pela degradação dos ecossistemas, o homem contemporâneo está cansado da modernidade. [...] O desejo de ruptura leva à convicção de que essa ruptura já ocorreu, ou está em vias de ocorrer. Se é assim, o prefixo pós tem muito mais o sentido

233 TOURAINE. *Crítica da modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 9.

de exorcizar o velho (a modernidade) que de articular o novo (o pós-moderno). [...] À consciência pós-moderna não corresponde uma realidade pós-moderna. [...] Essa é a verdade do pós-moderno. Sua ilusão é a tentativa de reagir às patologias da modernidade através de uma fuga para a frente, renunciando a confrontar-se concretamente com os problemas da modernidade.²³⁴

Já na análise de Andreas Huyssen, não há dúvidas: houve uma mudança de “sensibilidade” na sociedade ocidental, a partir da crítica ao racionalismo (e sua conseqüente reavaliação), ao caráter utilitário da arte e às explicações pretensamente totais que, no entanto, deixaram de lado muitos aspectos da vida social. Tal mudança é particularmente perceptível na cultura, a partir da década de 1960, configurando-se um novo momento para o qual o termo pós-moderno é adequado, na medida em que as transformações não implicaram numa alteração radical no paradigma de modernidade. Também pelo fato de só ser factível o entendimento da amplitude do que há de novo a partir de uma perspectiva relacional, ou seja, que coadune modernidade e pós-modernidade.

Huyssen defende que negar e ridicularizar o pós-moderno a partir de suas manifestações efêmeras ou megalomaniacas por parte de alguns artistas praticantes do “pós-modernismo afirmativo”, como fazem seus críticos, é algo fácil. Ele distingue o pós-modernismo em dois: o afirmativo, que apesar da aparente desconstrução anunciada em suas manifestações (a “ruptura” com os conceitos tradicionais de arte, por exemplo), reafirma os valores da sociedade, e o pós-modernismo crítico, que não se reduz à desconstrução e reafirmação dos valores que critica. A distinção entre um e outro é muito tênue, sendo difícil identificar esta última forma de pós-modernidade.

Para ajudar a diferenciar um e outro, Huyssen cita o que é para ele uma postura comum na arte pós-moderna afirmativa, ocorrida durante a *Documenta 7*, exposição de arte contemporânea realizada na cidade alemã de Kassel em 1982, o qual visitou, acompanhado de seu filho Daniel, então com 5 anos. No museu, obras dos mais variados artistas materializavam

234 ROUANET. A verdade e a ilusão do pós-moderno. In: _____. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 268-269.

uma extensa lista de rupturas. Quando um guarda percebeu que Daniel tocava uma obra, *aproximou-se rapidamente gritando*: “Nicht Berühren! Das ist Knust!” (“Não toque! Isso é arte!”). “[...] Ali estava ela, de novo, a velha noção de arte: não toque, não ultrapasse. O museu como templo, o artista como profeta, a obra como relíquia e o objeto de culto, a aura restaurada.”²³⁵ Tais posturas devem ser efetivamente recusadas mas, se os críticos da pós-modernidade tomarem apenas o caráter “afirmativo” para fundamentarem-se, estarão deixando de lado suas contribuições para o debate como um todo. “Essa rejeição radical nos deixará cegos, contudo, para o potencial crítico do pós-modernismo, que, acredito, também existe, embora possa ser difícil identificá-lo.”²³⁶

Ao não se reduzir à desconstrução, a perspectiva crítica do pós-modernismo contribui para alargar os limites do debate, apontando falhas e propondo ações. Em seu texto, Huyssen destaca o papel de setores da crítica feminista e de minorias que, rompendo com os dogmatismos, deram novas dimensões às discussões dos anos 70 em diante. Especificamente sobre as mulheres diz:

A crítica produzida por mulheres tem lançado uma luz nova sobre o próprio cânon modernista, a partir de uma variedade de perspectivas feministas. Sem sucumbir a uma espécie de essencialismo feminino, um dos lados mais problemáticos da proposta feminista, parece óbvio que, se não fosse pelo olhar sagaz da crítica feminista, as determinações e obsessões masculinas do futurismo italiano, do Vorticismo, do construtivismo russo, da New Sachlichkeit ou do surrealismo teriam permanecido ocultas; e os escritos de Marie Louise Fleisser e Ingeborg Bachmann, bem como as pinturas de Frida Kahlo, continuariam sendo conhecidos apenas por um punhado de especialistas.²³⁷

De modo a não menosprezar essas contribuições, Andreas Huyssen propõe que o pós-moderno seja discutido sem ilusões e preconceitos, numa perspectiva histórica:

235 HUYSSSEN, Andreas. Op. cit., p. 17.

236 Ibidem, p. 21.

237 Ibidem, p. 46-47.

Se o pós-moderno for discutido antes como condição histórica e não como simples estilo, torna-se possível e mesmo importante descobrir o momento crítico no próprio pós-modernismo e afiar o seu gume, mesmo que ele pareça cego à primeira vista. O que não adianta mais é louvar ou ridicularizar o pós-modernismo em seu conjunto. O pós-modernismo deve ser salvo de seus defensores e de seus detratores.²³⁸

Se Huyssen quer salvar o pós-moderno, Alain Touraine, por meio da valorização do sujeito e da subjetivação, possibilita, além de um conceito de modernidade mais crítico, que a efetivação de seus projetos seja menos inconseqüente, pois ela não foi superada e não deve ser abandonada²³⁹. Em seu modo de entender, as bases da modernidade, ainda que atualizadas, permanecem. Um de seus conflitos centrais, por exemplo, assume nova roupagem. No contexto da substituição da sociedade de produção pela sociedade de consumo no pós-2ª Guerra, o embate entre capital e trabalho metamorfoseia-se na oposição sujeito versus objetos de consumo. “Sociedade de consumo e defesa do sujeito são os atores opostos cujo conflito define a forma social que toma uma sociedade pós-industrial que não é absolutamente pós-moderna mas, ao contrário, hipermoderna.”²⁴⁰ Por isso, Touraine recusa a idéia de estarmos vivendo uma era pós-moderna, na qual a razão estaria fragilizada pelas múltiplas críticas aos caminhos que ela levou, entendendo que estamos, antes, em uma “sociedade programada”:

Com efeito, eu chamo de sociedade programada – expressão mais precisa que a de sociedade pós-industrial que só é definida por aquilo que ela sucede – aquela em que a produção e a difusão maciça dos bens culturais ocupam, o lugar central que fora o dos bens materiais da sociedade industrial. O que foram a metalurgia, a indústria têxtil, a química, assim como as indústrias elétricas e eletrônicas na sociedade industrial, são a produção e a difusão dos conhecimentos, dos cuidados médicos e das informações,

238 Ibidem, p. 22.

239 TOURAINE. Op. cit., p. 13-14.

240 Ibidem, p. 267.

portanto a educação, a saúde e os meios de comunicação na sociedade programada.²⁴¹

Nessa nova sociedade, a razão, pretensamente enfraquecida, é hipervalorizada na sua forma utilitária, embora não seja mais a única pilastra na qual se sustente a busca do progresso. A especialização técnica ganha contornos extremados, com cada indivíduo tendo de desempenhar da melhor forma possível a função social para a qual foi formado, “programado”. O conhecimento é usado para criar fórmulas que permitam antever a ação das pessoas e seus anseios, de modo a moldar personalidades e a própria cultura. A Indústria Cultural é a materialização disso, ao objetivar o mundo dos “valores”, e não somente o campo da utilidade cotidiana. Reconfigurada, a modernidade precisa ser repensada, reconceituada, sob o risco de virmos a enfrentar tempos conturbados:

Se nós não conseguirmos definir uma outra concepção da modernidade, menos orgulhosa que a do Iluminismo, mas capaz de resistir à diversidade absoluta das idéias e dos indivíduos, nós entraremos em tempestades ainda mais violentas que aquelas que acompanharam a queda dos antigos regimes e da industrialização.²⁴²

Entre os defensores da existência de um momento pós-moderno, a oposição radical em relação à modernidade não é idéia dominante. A perspectiva relacional, análoga à definida por Andreas Huyssen, tem predominância. Em seu estudo acerca do discurso pós-modernista, Italo Moriconi concluiu que o prefixo “pós” não remete a “após” ou “não modernidade” e sim a um período posterior em constante diálogo com a modernidade. A importância da modernidade não é negada, a partir da sua manutenção como “palavra-núcleo”, mas a necessidade de repensá-la e buscar ir além é premente:

O pós representa ao mesmo tempo o esgotamento e o desdobramento da palavra-núcleo enquanto aventura de mudança, aventura de destruição e de construção. O pós refere-se ao balanço dos resultados desta aventura e assinala um deslocamento e uma inversão em relação

241 Ibidem, p. 258-259.

242 Ibidem, p. 209.

a suas metas iniciais, mas assinala também sua irreversibilidade.²⁴³

Buscando, então, ir além da modernidade, no que tange ao conhecimento, adquire relevância a perspectiva de análise diacrônica, na qual a temporalidade está fragmentada em uma multiplicidade de séries, em contraposição à sincrônica, ancorada na simultaneidade dos eventos e existência de uma única temporalidade na vida social:

A sincronia ou simultaneidade deixa de ser a solda entre os múltiplos níveis e elementos de uma contemporaneidade e de uma proximidade concreta no plano dos acontecimentos e passa a indicar um princípio ativo de ordenação da diacronia, alternativo às relações simples do antes e do depois.²⁴⁴

Ao falar de um tempo constituído por vários outros tempos, Moriconi quer dizer, entre outras coisas, que o desenvolvimento do capitalismo não se deu de maneira uniforme, da mesma forma que o projeto da modernidade não foi um desejo de todos aqueles que dela participaram. É por isso que no âmbito da pós-modernidade, as explicações totalizantes, quase dogmas da modernidade, passam a ser redimensionadas e teorias, como o marxismo, perdem força. Também ocorre uma valorização do presente, que deixa de ser apenas predeterminação do passado e etapa necessária para o futuro. Ele, o presente, é o tempo da ação política, que não está submetida à tradição, mas em diálogo com ela numa perspectiva histórica:

Pensar o histórico como político é pensá-lo como agora, pensando o agora como histórico. É desvincular cada agora de seu caráter de transição automática entre o passado e o futuro. Cada agora é mônada, que suga para dentro de si todo o passado como entrecruzamento de esperanças e todo o futuro como tempo de múltiplas possibilidades, nem todas boas, nem todas ruins, por tudo dependerá das lutas travadas.²⁴⁵

243 MORICONI, Italo. *A Provocação Pós-Moderna*. Razão histórica e política hoje. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 25.

244 *Ibidem*, p. 125-126.

245 *Ibidem*, p. 126.

A matriz da qual Ítalo Moriconi parte para a valorização do presente nesses termos é controversa. Trata-se do conceito de “agoridade” de Walter Benjamin, lido como significando “por um lado, enfatizar a presença simultânea do passado e do futuro no âmago de qualquer presente; por outro lado, dotar dos atributos do agora as relações entre as diferentes dimensões do tempo cronológico”. Vê o pensador, um crítico da modernidade, como um precursor (embora não use o termo) do discurso pós-moderno, por sua proposição de intervenção efetiva no presente:

Benjamin propunha um conceito de história baseado na necessidade de intervir sobre ela. A agoridade, princípio sincrônico, desordenador/reordenador do artificial constructo linear imposto sobre o campo de ruínas do passado, representava uma concepção de pensamento histórico como exercício de vontade e responsabilidade política. Vontade de mudar o curso da história.²⁴⁶

De fato, Benjamin defendeu a participação ativa dos sujeitos históricos em seus tempos, para que eles não se tornassem fantoches da história. Também entendeu que esta mesma história não transcorre numa marcha uniforme, pois *a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agora”, constantemente reordenados sob a forma do passado, que por sua vez é sempre mobilizado para ação no presente e projeção de um futuro*²⁴⁷. Mas será que isso basta para alçá-lo à condição de precursor do pós-modernismo?

Segundo Nicolau Sevcenko, o Benjamin crítico da modernidade que escreve estas palavras em 1940 é um pensador moderno em crise e desiludido com os caminhos deste momento histórico. Alemão e judeu, estava exilado para fugir da perseguição nazista; pensador marxista, via o modelo socialista russo assumir a forma totalitária. Para além disso, o mundo enfrentava sua segunda grande guerra e russos e nazistas haviam assinado um pacto:

²⁴⁶ Ibidem, p. 126.

²⁴⁷ BENJAMIN. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 229-230.

Ele apostou com convicção nas vanguardas artísticas do início do século, que por sua vez apostaram pesado na vitória da racionalidade, do maquinismo, da transformação da sociedade num gigantesco autômato auto-regulado, em que a arte, a técnica e a vida se fundiram numa unidade revitalizadora. Uma utopia da igualdade perfeita, produzida pela razão, governada pela técnica e desfrutada pela arte.²⁴⁸

Crítico e desiludido, Benjamin, no entanto, não desistiu do projeto moderno. Talvez até pudesse vir a desistir, mas sua morte prematura, no mesmo ano de 1940, fez com que tal possibilidade ficasse reduzida ao campo das conjecturas. Atribuir a Benjamin um adjetivo que só seria formulado pelo menos duas décadas depois pode até ser possível. Porém, embarcando nessa mesma lógica, se retrocedermos ao século XIX não será difícil encontrar outros precursores do pós-modernismo entre outros críticos da modernidade – o que nos levaria a cometermos muitos anacronismos. Beatriz Sarlo tem uma resposta contundente a quem se propõe a fazer tais aproximações:

Então, de onde sai este Benjamin precursor da pós-modernidade e flâneur, ele mesmo, das ruínas da totalidade? Nos alambiques da Internacional acadêmica, promotora dos últimos achados industriais dos estudos culturais, combina-se, com invejável singeleza, Foucault com Benjamin, Derrida com Deleuze e Raymond Williams com Bakhtim. Tudo se soma. Entretanto, a soma é o problema.²⁴⁹

Ou seja, para Sarlo o Benjamin “pré” pós-moderno surge da despreocupação dos estudiosos culturais, tão preocupados em romper com as barreiras, com a historicidade dos autores e seus textos. Agindo desta maneira, fragmentos retirados de seus contextos podem, reordenados, sustentarem concepções pouco ou nada próximas de seu intuito original.

Em um debate tão intenso, os defensores de parte a parte buscam justificar seus posicionamentos, apoiando-se em autores e exemplos os mais variados, e muitas vezes cometendo equívocos, como bem

248 SEVCENKO. Op. cit., p. 48.

249 SARLO. Esquecer Benjamin. In: _____. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Ed da UNESP, 1997, p. 103.

aponta Beatriz Sarlo. A questão em torno da existência ou não da pós-modernidade não pode ser apenas um mero jogo de palavras.

Concordo com a análise de Andréas Huyssen de que é inegável a existência de algo novo no pensamento e na arte ocidental desde os anos 1960. A crítica ao estruturalismo fez com que perdêssemos as certezas inabaláveis e repensássemos nossos paradigmas. Não abandonamos todos os preceitos da modernidade, apenas não mais acreditamos nela como um projeto capaz de eliminar a barbárie por meio do desenvolvimento da razão.

Assim, entendo que vivemos um período pós-moderno, pois não há como negar este algo novo. Entendo também que falar em pós-modernidade não implica defender o fim da modernidade. Retomando mais vez mais Huyssen, identificar a pós-modernidade apenas com a postura desconstrutiva é reduzir não apenas o conceito, mas também o trabalho de muitas pessoas que, dentro da perspectiva crítica, procuram pensar a contemporaneidade, no intuito de buscar caminhos para os problemas, ao redimensionarem aspectos da modernidade.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna*. Introdução às teorias do contemporâneo. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). *Pós-Modernidade e Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 15-80.
- MORICONI, Italo. *A Provocação Pós-Moderna*. Razão histórica e política hoje. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Ed da UNESP, 1997, p. 103.
- SEVCENKO, Nicolau. O enigma pós-moderno. In: OLIVEIRA Roberto Cardoso et al. *Pós-Modernidade*. 5ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.